

No 72.º Aniversário da "Pascendi"

No dia 8 de setembro de 1907 — há setenta e dois anos, portanto — ao mundo católico era dirigida uma carta encíclica papal, depois difundida largamente e ainda hoje fator de polêmicas e controvérsias, que passou a ser identificada pelas três primeiras de suas palavras latinas — "Pascendi Domici Gregis" ou, mais resumidamente, pela primeira delas — "Pascendi".

Seu autor era o Pontífice então reinante, Pio X, posteriormente canonizado santo pela Igreja quando a governava Pio XII. O Papa de 1907 era filho de modesto alfaiate, e fora Cardeal Patriarca de Veneza, após ter sob sua responsabilidade a diocese de Mântua, que ele encontrara decadente e deixara espiritualmente próspera, pelos benéficos influxos de sua santidade e seu zelo apostólico, marca própria que também deixaria, depois, em Veneza. Nunca ele se interessara antes por temas políticos e seu lema — Restaurar tudo em Cristo — bem revela uma sadia preocupação pastoral e espiritual. Seu principal intento era pôr ordem na Casa e, sob esse aspecto, foi um legítimo renovador. Mas renovador que guardou fidelidade à tradição e à doutrina da Igreja. Cuidou do canto religioso, porém para torná-lo mais próprio ao ambiente das igrejas; simplificou o Breviário, a cuja leitura diária se acham obrigados os clérigos, aliviando essa pesada carga sem descuidar da necessidade da oração; modificou as rubricas do Missal sem ferir o Decreto de seu antecessor Pio V, já declarado santo como ele o seria depois; reduziu os dias santificados para condicionar melhor a vida dos fiéis às exigências do mundo moderno; tornou-se responsável pela maior aproximação dos leigos à prática da comunhão eucarística; iniciou uma prudente reforma do Código de Direito Canônico... Programa eminentemente religioso dessa alma cândida e boa que, todavia, em função da responsabilidade do cargo de Chefe Supremo da Cristandade, teria de enfrentar perigosa tentativa de subversão da doutrina católica por parte de ousados adeptos de teorias que desejavam ver a Igreja adaptada ao laicismo moderno. Sua reação a essas distorções lhe acarretaria graves aborrecimentos, e ainda hoje Pio X é insultado pela atrevida alcatéia dos "progressistas", ele que foi um homem essencialmente bom e caridoso.

Assim com seu antecessor Pio IX passara por enormes vexames pelo fato de ter sido autor dos documentos contestados pelos modernizadores da Igreja, Pio X muito sofreria daqueles que não esperavam sua apostólica reação aos des-

mandos então nascentes e somente claros anos depois. Sua carta encíclica “Pascendi”, de princípio aqui aludida, ainda hoje recebe os mais desconcertantes doestos, podendo ser apontado como exemplo desses descompassos um artigo de Tristão de Atahyde, meu querido mestre no Instituto Católico de Estudos Superiores, no Rio, em que esse festejado intelectual católico, egresso do liberalismo e das idéias liberais nunca definitivamente apartado, classifica o histórico pronunciamento papal como “documento intolerante e obscurantista”! É assim que os “modernistas” de ontem, ou “progressistas” de hoje, se referem à saudável vigilância pastoral do santo Pio X...

E que fez a “Pascendi”, cujo aniversário comemoramos aqui? Simplesmente... condenou os erros do “modernismo”. Na sua primeira parte, o documento papal aludia a esses desvios, assinalando o laço lógico que os liga uns aos outros, e salientava a raiz comum a todos eles — uma filosofia essencialmente anticristã, porque agnóstica (limita somente aos fenômenos físico-químicos os conhecimentos do homem e nega à razão humana a faculdade de elevar-se até Deus) e imanentista (busca a explicação do fato religioso na necessidade vital que produz na subconsciência um sentimento de fé, que abraça Deus como causa e como efeito). Em uma segunda parte a encíclica indicava as causas do “modernismo” — duas de natureza moral (uma curiosidade doentia e o orgulho intelectual) e uma causa intelectual (a ignorância filosófica escolástica, que priva o “modernismo” do instrumento indispensável à identificação de erros e sofismas). Na terceira e última parte, a carta papal apontava os remédios a adotar — ensino da filosofia escolástica em todos os Seminários e Universidades católicas; afastamento, do ensino dos Seminários e Universidades católicas, dos professores contaminados pela heresia “modernista”; vigilância dos bispos quanto à propaganda das idéias “modernistas” entre o clero e o laicato; instalação de comissões diocesanas destinadas ao prévio exame das publicações católicas; proibição de reuniões de clérigos que não seguissem a orientação oficial da Igreja no tocante a essa matéria; instituição de conselhos diocesanos de vigilância contra a difusão, entre os católicos, dos erros “modernistas”. Finalmente, Pio X, demonstrando nada ter contra o progresso propriamente dito, se propunha a patrocinar uma entidade, composta de estudiosos e de doutos, que fomentasse o estudo das ciências, sem preconceitos anti-religiosos.

Vê-se, destarte, que razões sobram aos “progressistas” para ainda hoje combater a “Pascendi”... Afinal, as teses destes modernizadores são aquelas mesmas anatematizadas

por Pio X, embora com roupagem diferenciada. A promoção do canto gregoriano, favorecida pelo saudoso Pontífice, se choca com a bagunça musical que os “progressistas” introduziram nas igrejas, incomodando os fiéis que ali vão rezar e não saracotear. A preocupação do Pio X com a leitura do Breviário é um disparate para aqueles que hoje subestimam a oração e valorizam o ativismo político-econômico. A simplificação de algumas rubricas do Missal, mantida a forma essencial e a língua estabelecidas por Pio V, se contrapõe às múltiplas maneiras e, pelo menos no idioma português, à linguagem chula do formulário adotado após o Concílio Vaticano II, que admitiu como exceção certas concessões hoje transformadas abusivamente em regra e — que digo eu?! — em única fórmula admissível, punindo-se energicamente quem ainda se apegava ao latim e ao modelo anterior, suposta irregularidade cometida pelos próprios modernizadores não faz muito tempo...

Não obstante tudo isso, a História saberá fazer justiça ao bondoso e seguro Pio X, bem como apreciará devidamente o comportamento dos “modernistas” do começo do século, que tanta amargura causaram ao grande e santo Papa, e dos “progressistas” de hoje, que lhes seguem as pegadas.

Gente da Gente

O polígrafo J. C. Alencar Araripe, meu confrade no Instituto do Ceará, na Academia Cearense de Letras e na Associação Cearense de Imprensa, acaba de brindar-nos com um livro que, se não é volumoso, contém todavia preciosos capítulos sobre cearenses de nascimento e de adoção, como, exemplos destes últimos, Demócrito Rocha e Paulo Bonavides, um nascido na Bahia e o outro na Paraíba, ambos cearenses como os que mais o sejam.

São dezessete estudos, alguns menos longos, outros mais analíticos, em que o autor relembra, com pinceladas seguras, as proveitosas vidas de grandes vultos de nossas atividades intelectuais ou políticas.

Refiro-me ao opúsculo de cento e poucas páginas intitulado *Gente da Gente* (Edição do Banco do Nordeste do Brasil, Fortaleza, 1979), primorosamente prefaciado por outra personalidade exponencial de nossas letras, que é o contista Moreira Campos.